

FAZ TEMPO QUE....

Não sei se a mala era de cartão, tela ou do mais fino cabedal, mas ainda sinto o seu peso, o peso do mundo que eu trazia às costas. Aquela mala, enorme para o meu tamanho e para a minha alma, vinha cheia de tudo, mas sobretudo de recordações, de carinhos, de sonhos. Aquela mala trazia dentro uma vida, que era a minha.

E a realidade, de memória ou de facto, é que essa vida, que devia ter seguido um traço, seguiu outro, depois de ter sido metida dentro da mala. Quando saiu cá para fora, mudou de côr, mudou de rumo, mudou os amigos, mudou de forma e, assim sendo, alterou as esperanças, transformou os sonhos, baixou os horizontes e, até, se atreveu a querer esfriar a lágrima e afogar a saudade.

Cheguei, com minha Mãe, num comboio que demorava mais que o tempo, num silêncio que só era perturbado pela necessidade de o desembaraçar, somente alimentado pelas promessas que me fizeram, pelas histórias que me contavam e pela alegria de seguir os passos de meu irmão mais próximo. Eu também iria conseguir.

Ouvido o último silvo da maquina, estremunhado com a moleza do físico e da pequena mente depois daquelas horas de esquecer de tristeza, mas ardente da emoção de ver o que seria novo, apanhei de chofre com a luz de Lisboa, essa coisa ímpar e que nunca esquece e que faz as cores quase falarem. Com uma mão puxando a mala e outra, medrosa, na de minha Mãe, demos os passos com destino ao largo da Luz, uma outra luz, essa sim, que me mudou a vida.

Eu tinha 9 anos de idade e era Setembro.

Assim fui largado no Colégio Militar, a dezenas e dezenas de Kilómetros de minha casa, a centenas e centenas de abraços que já me não acolhiam, a litros e litros de lágrimas que chorei, a rios e rios de saudade que me tolhia.

Deitei a mala fora e fui vencendo, passando mais um dia, passando mais uma noite, passando mais um pesadelo, agarrando-me a meu irmão, à sua ajuda, à sua força e àquela inabalável vontade de querer ser como ele.

E venci. Peguei na vida que trazia na mala e resolvi vivê-la, sem forçar o destino ou desafiar o norte.

E no meio de tudo o que é novo, desde o bilhete de identidade, à propriedade plena de toalhas, lençóis, fardas de dentro e de fora e livro de requisições que permitia adquirir, adquirir, sem pedir, o que se precisava, comecei a ganhar o sentido da prioridade, da importância relativa, da consciência de valer um nome. Perdi o petit-nom da infância e comecei a marchar, em frente, e com passo certo.

Mas num repente, quando tudo se estava a normalizar, os espinhos da saudade já não magoavam tanto, num Sábado pela tarde quando me era permitido sair, o Oficial de Dia olhando-me várias e desconfiadas vezes, chamou-me de lado e, com um dedo estendido que ainda agora vejo e sinto, contou os botões doirados da minha farda cor de pinhão, o uniforme de saída e de luxo. Incrédulo diz: Mas são seis!!!! E perante o meu terror e espanto acrescenta a sentença brutal: Mas deviam ser oito!!!!

Referia-se, naturalmente, aos botões, os tais de latão doirados, que tínhamos de arear utilizando uma singela e bizarra barra de madeira que os salientava, permitindo facilmente a sua limpeza sem sujar o tecido. E eram de facto 8, ou melhor, deveriam de ser, mas a verdade é que a minha, a minha farda, só tinha 6. Perante o meu sepulcral silêncio e o pavor estampado, a irritabilidade do Senhor aumentava, alastrando-se ao gesto e à voz, exigindo uma explicação que eu não era capaz de dar. Por medo, por espanto e sobretudo por desconhecimento. Realmente eu não sabia, nem imaginava sequer, como 8 botões se tinham transformado em 6.

Manuel Pinto Machado

Livro de curso do Colégio Militar – 50 anos de saída

Fiquei logo ali, detido, sem poder sair, e com enormes dificuldades de o conseguir comunicar. Eu ia, sempre fui, para casa de outrem. Só nas férias tinha a alegria, ímpar e inesquecível, de ir para minha casa, e a dificuldade de avisar quem me recolhia não era fácil, ou não o foi. Desesperado por ali fiquei, sem saber como acabou o dia ou começou a noite, prostrado com a duração interminável do pesadelo, mas desperto perante a impossibilidade da resolução.

Não consegui, por anos, esquecer esse dia e é inenarrável o que senti, quando escrevi para casa a relatar a ocorrência. Imagino que a leitura dessa carta tenha custado muito mais angústia a minha Mãe, do que eu, porventura, sofri.

A razão, compreensível agora, foi que o dito uniforme era de meu irmão e já que se tinha de comprar um novo, como o dele estava bem apertado e curto, mas servia perfeitamente para se adaptar a mim. E assim foi, na D. Ermelinda, costureira lá de casa, que nem pensou duas vezes, ajeitou os ombros, encolheu as costas e zás...cortou duas feiras de botões.

Coitada, nunca imaginou que com aquela tesourada, inocente e prática, iria criar um sonho mau numa cabeça de um menino pequenino que viu o mundo andar às voltas sem querer parar.

Mas tudo se resolveu, o medo passou, as lágrimas secaram, as férias chegaram e aquele sol da nossa casa, aquele cheiro de flor que é a nossa gente e o crescer, o pensar e o viver apagam tudo, normalmente para sempre.

Saí do Colégio, sete anos depois, cheio de saúde, de conhecimentos, de alegria, de formação, de valores, de olhos que podem olhar em frente, com Amigos de peito e uma gratidão e estima perpétuas, além de, claro, com uma farda de 8 botões.